



BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXII

Nº. 6

Junho de 1981

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda.-Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeireira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXII

Junho de 1981

Nº 6

S U M A R I O

Página

SUBSÍDIOS À CRÔNICA DE BLUMENAU	162
HOMENAGEM À MÃE	165
A HISTÓRIA DE BLUMENAU REVELA	163
HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU	169
CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA - III	177
ACONTECEU — Maio de 1981	178
“DEUTSCHER TURNVEREIN ZU JOINVILLE”	181
REVELAÇÕES DO ARQUIVO HISTÓRICO DE BLUMENAU	183
SUBSÍDIOS HISTÓRICOS	184
UM ESCLARECIMENTO	185
TIPOS ORIGINAIS DE BLUMENAU	187
A OPINIÃO DOS QUE NOS VISITAM	189

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 200,00

Número avulso Cr\$ 20,00 -- Atrasado Cr\$ 30,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 200,00 mais o porte Cr\$ 150,00 total Cr\$ 350,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

Subsídios à Crônica de Blumenau

Por Frederico Kilian

Extraído do jornal "Der Urwaldsbote"

Nº 14 de 15.8.1908 — TIRO DE GUERRA: A Diretoria da Sociedade de Atiradores de Blumenau convida, num anúncio publicado nos jornais locais, as diretorias de todas as sociedades de atiradores do município, para uma reunião no dia 27 de Setembro, na casa dos atiradores, em Blumenau, a fim de tratar da fundação de um "TIRO BRASILEIRO" (expressão usada para o "Tiro Nacional" e posterior ("Tiro de Guerra")) — Quanto às finalidades desta corporação ou sociedade e sua organização seriam publicados maiores detalhes pela imprensa.

*

SOCIEDADE HANSEÁTICA DE COLONIZAÇÃO: No lugar do Sr Scharlach, recém-falecido, foi eleito para Presidente do Conselho Fiscal desta sociedade, o Sr. Dr. Stoltz, o qual há vários anos esteve por alguns meses em Blumenau e já conhecia, assim, a zona da Colônia Hansa.

*

Nº 15 de 19/8 — INAUGURAÇÃO DE PRÉDIO ESCOLAR: Domingo, dia 16 de Agosto, foi inaugurado pelo Pastor Mummelthey o novo edifício da igreja e escola evangélica na localidade de Nova Rússia (Garcia), estando presentes os Srs. Frederico Blohm e Reitor Strothmann, como membros, respectivamente da Diretoria da Sociedade das Escolas de Santa Catarina. O começo das aulas, neste longínquo distrito, cuja juventude até então crescia sem instrução escolar, foi marcado para 1º de Setembro daquele ano.

*

Nº 17 de 26/8 — INAUGURAÇÃO DO NOVO PRÉDIO DA ESCOLA DE ITROUPAVA SECA: Domingo, dia 23 de Agosto foi inaugurado o novo prédio da escola de Itoupava Seca com a participação dos moradores daquele bairro. Puxado por uma banda de música, o préstito constituído pelos alunos e moradores da localidade, seguiu pelas ruas ornamentadas festivamente até ao novo prédio escolar. O Sr. Frederico Specht, presidente da comunidade escolar local proferiu a oração inaugural, na qual agradeceu a Deus pela graça concedida e aos membros da comunidade pelo apoio moral e material. O professor Gottschalk, dirigindo-se aos alunos, dissertando sobre as palavras do filósofo e poeta H. Herder: "A semente que não for lançada à terra fértil na primavera, não poderá nascer no verão e produzir frutos no outono, para o seu consumo no inverno". Seguiram-se diversos divertimentos para alunos e adultos, reunidos em alegre festa até o anoitecer.

Nº 18 de 29.8.1908 — IMIGRAÇÃO: Por iniciativa da Comissão de Propaganda para a Imigração chegaram aqui mais duas levas de imigrantes, sem que tivessem sido tomadas as necessárias e indispensáveis providências para a localização e acomodação dos imigrantes. Destes, a segunda leva se dirigiu imediatamente para a zona do Benedito, onde a maioria dos recém-chegados possui parentes, estando assim, em parte, resolvido o primeiro problema com referência a estes imigrantes.

O primeiro grupo, porém, constituído na sua maior parte de suíços, ficou alojado, provisoriamente na casa do comerciante Sr. Gauche, na Garcia, enquanto a Comissão não decidisse onde localizar estes imigrantes.

Estes, ao que tudo indica, deveriam ser localizados nas nascentes do Ribeirão Encano, porém para lá não existia caminho, nem sequer uma picada, pelo que os homens foram empregados para abrir uma picada do Ribeirão Caeté ao local destinado a colonização, numa distância de cerca 5 km.

CARNE: — Devido a escassez do gado, os açougueiros pretendem elevar o preço da carne, de 500 réis para 600 réis o quilo, mas ainda não chegaram a um acordo, já que no ano passado houve um aumento de 400 rs. para 500 réis o quilo.

*

Nº 19 de 2/9 — MOTOCICLISTAS: Os senhores Wetzel e Kuehne de Joinville, foram os primeiros motociclistas que apareceram em Blumenau, montados em suas motocicletas, um veículo até então aqui nunca visto. A viagem de Joinville a Blumenau, passando por Jaraguá e Pomerode, num trajeto de cerca 138 km, foi vencida em 10 1/2 horas.

*

Nº 20 de 5/09 — CONSTRUÇÕES: — Prossegue a atividade dos construtores na cidade de Blumenau. A firma Gustav Salinger & Cia. aumentou o seu prédio com um anexo e a construção de um segundo andar sobre o térreo (nota: trata-se do prédio no começo da rua 15 de Novembro, ocupado atualmente pela Distribuidora de Tecidos) O senhor Samuel Katz construiu um prédio de dois andares na esquina da Alameda Rio Branco com a rua 15 de Novembro, vis à vis ao Hotel Holetz (Nota: Este prédio até fim do ano passado conhecido como Casa Kieckbusch foi demolido recentemente) O Sr. Paul Husadel construiu mais um andar sobre a sua casa à rua 15 de Novembro dotando-a com uma linda fachada (a conhecida Casa Husadel, muito fotografada pelos turistas e apresentada em cartões postais). Também a Cadeia Pública, ao lado da Prefeitura Municipal está quase concluída, mas não contribui em nada para o embelezamento da cidade (Nota: Atualmente não existe mais.)

*

Nº 22 de 12/9 — VARÍOLA: Aumentaram os casos de varíola em Itajai. Em Blumenau estão sendo tomadas providências preventivas para o caso de se alastrar o mal até esta cidade de Blumenau. O

Comissário de Polícia está a procura de uma casa apropriada para servir de hospital de isolamento, caso a doença venha a atingir esta cidade. O Dr. Sappelt já vacinou um bezerro novo para a obtenção de suficiente vacina, dada a dificuldade de obtê-la do Rio ou da capital do Estado.

*

Nº 28 de 3/10 — TIRO NACIONAL: Atendendo ao convite da Diretoria da Sociedade de Atiradores de Blumenau, reuniram-se na sede desta sociedade, na manhã do dia 27 de Setembro os representantes de 12 sociedades de atiradores do município. Após exposição do assunto, que consistia na fundação do Tiro Nacional nesta cidade (Nota: Uma organização atualmente denominada "Tiro de Guerra" submetida ao Ministério da Guerra). Os promotores da reunião lamentaram não terem ainda chegado do Rio as instruções a respeito das condições da fundação, nem mesmo resposta a uma consulta formulada pelos membros da Sociedade de Atiradores de Blumenau, notadamente quanto a forma de organização e atividade da corporação, bem como das obrigações e direitos ou vantagens dos associados, notadamente quanto ao serviço militar e a oportunidade de obtenção da carta de reservista, após um período de instrução e exercícios e respectivos exames perante as autoridades militares. Assim, apesar de todos terem reconhecido a necessidade da fundação, não foi possível tomar uma decisão definitiva nem a se concretizar a fundação do Tiro, porém foi deliberado abrir uma lista de inscrição dos associados e outra dos jovens que estavam dispostos a formar o Tiro Nacional, contendo além do nome do associado, sua idade, profissão, residência, lugar do nascimento, estado civil e o nome dos pais. Tão logo as autoridades militares do Rio mandassem as informações pedidas seria convocada nova reunião para uma deliberação definitiva.

*

Nº 29 de 7/10 — SOCIEDADE DE GINÁSTICA: Aproveitando um bellissimo dia ensolarado, os atletas desta sociedade, em número de 24, realizaram no dia 3 de outubro uma excursão ao morro denominado "Spitzkopf". Chegados à serraria do Sr. Schadrack, deixaram os carros e a pé começaram a escalada, subindo por uma boa picada pelo Morro Carabemba, até ao pé do morro Spitzkopf, de onde, após curto descanso continuaram a escalada, já bem mais penosa. Os primeiros chegaram pelas 17 horas ao topo do morro de onde se tem uma bela vista para todos os lados.

Logo em seguida os excursionistas trataram de fazer um fogo e esquentar a água para o café como também para assar o churrasco. Conforme fora combinado com os que ficaram na cidade, pontualmente às 19 horas foram dados sinais de luz, mediante queima de fogos de bengala de luz vermelha, respondendo os excursionistas com fogos de luzes vermelha e verde, que foram bem vistos de parte a parte. Além disto podiam ver do alto do Spitzkopf as luzes da cidade, como também luzes em Gaspar e pela banda de Brusque. O céu estava claro e estrelado e no dia seguinte após apreciar o alvorecer e nascer do

sol, bem como toda a paisagem até ao mar no horizonte, fizeram a leitura da altitude, mediante o aparelho, constatando ter o morro uma altura relativa de 840 metros e uma altitude de 860 metros acima do nível do mar.

*

Nº 30 de 10/10 — Comunicação telegráfica de Pouso Redondo relata que os bugres apareceram novamente naquela zona. Duas filhas do colono Augusto Petters que haviam ido em companhia da filha do Sr. Bento, colher aipim na roça, foram atacadas pelos bugres que, apesar de terem agarrado as moças e rasgados os seus vestidos não conseguiram levá-las para dentro do mato, mais as moças conseguiram escapar das suas mãos e fugiram para casa. As autoridades foram avisadas e os moradores de Pouso Redondo pediram providências ao governador no sentido de dar garantia aos moradores e afugentar os índios.

*

Nº 31 de 14/10 — GAFANHOTOS: Esta praga parece não ter fim. Domingo, dia 11 de outubro um grande bando de gafanhotos, vindo da Zona do Morro Baú, pousou nas terras da imediação do Salto, onde devastou toda a plantação de milho, seguindo depois até o terreno do Sr. Henrique Reif e dali levantou vôo e seguiu em direção ao morro Spitzkopf.

Blumenau, 18 de maio de 1981

Homenagem à mãe

Elly Herkenhoff

(N. da R. — Este comentário está saindo em junho, por absoluta falta de espaço na edição de maio)

A 22 de maio de 1850 uma expedição pioneira, composta de sete pessoas adultas e duas crianças, aportava à margem do Cachoeira, para dar início aos trabalhos preparatórios no local da futura colônia Dona Francisca.

Eram componentes do grupo, o francês Léonce Aubé, representante do Príncipe de Joinville, o engenheiro alemão Hermann Günther por sua vez representante da Sociedade Colonizadora de Hamburgo, o cozinheiro de Léonce Aubé, Louis Duvoisin, nascido na Suíça, além de duas famílias de colonos, contratados por Guenther no Rio de Janeiro, o alemão Peter Schneider e o sueco Ewert von Knorring, ambos com esposa e filho pequeno.

A chegada da expedição e a imediata entrega das terras pelo procurador do Príncipe ao engenheiro da Sociedade Colonizadora, em maio de 1850, não só representa um marco em nossa história, mas o efetivo início da colonização com o estabelecimento do núcleo da Colônia .

É neste mês de maio neste mês das mães, das flores e do amor, nada mais oportuno do que a relembração de alguns aspectos ligados à presença da mulher, da mãe imigrante, principalmente nos primórdios de nossa história — aspectos até hoje pouco divulgados e quase completamente esquecidos.

Na realidade, é difícil fazermos, hoje em dia, uma idéia exata das condições de vida, durante dois ou três meses, a bordo das frágeis embarcações, que vinham trazendo, com certa regularidade, as grandes e pequenas levas de imigrantes da Europa.

No entanto, o número dos óbitos ocorridos durante as viagens, nos dizem bem claro da precariedade do passado, nos dizem das cenas de desespero ali desenroladas...

Era sempre a morte a rondar os barcos que partiam de Hamburgo, rumo à terra desconhecida — superlotados sempre de esperanças e ilusões. Era a morte a ceifar adultos e crianças, muitas vezes membros da mesma família, como se registrou no veleiro "Florentin", que partiu de Hamburgo, levando 232 passageiros, dos quais faltavam 33, ao ancorar em S. Francisco do Sul, no dia 19 de junho de 1852. Entre os falecidos a bordo, cinco filhos do casal Conrad Brodbeck e dois filhos do casal Hans Bachthold, além do próprio chefe da família. Já em outra viagem do mesmo "Florentin", dois anos mais tarde, verificou-se um saldo de 35 falecimentos, entre os 202 passageiros embarcados. Entre os desaparecidos, três membros da família Dameyer: o pai, a mãe e um filho, e quatro membros da família Reissner: o pai e três filhos, falecidos a 7, 8 e 9 de outubro e de 7 de novembro de 1854...

— o —

Mas — a vida sempre continua. Misturava-se, por vezes, ao pranto dos pequenos orfãos, o choro frágil de algum bebê recém-nascido às vésperas do embarque, talvez, ou então em alto mar, a bordo da embarcação, entre o Velho e o Novo Mundo...

Assim, ao ancorar em S. Francisco do Sul a 20 de maio de 1852, o comandante do barco "Emma Louise" anuncia — eufórica e orgulhosamente — a presença de um imigrante a mais, o pequeno Carl Wilhelm Granzow, que no primeiro domingo daquele mês das flores e do amor, veio, lançando o seu primeiro frágil protesto aos quatro ventos.

Já o veleiro "Helene" chegando a 31 de janeiro de 1854 traz, não num só, mas dois brasileirinhos nascidos a bordo, o mesmo acontecendo com o "Linda", em 19 de junho de 1854, o "Comet", a 2 de agosto de 1855 e o "Santos Paket", a 31 de dezembro do mesmo ano.

E o "Mathilde Cornelia" e o "Emma", ancorando a 7 de agosto de 1856 e 13 de janeiro de 1857 respectivamente, apresentam até mesmo três louros garotos nascidos em alto mar, enquanto em outubro do mesmo ano chega o "Trident" com dois imigrantes a mais, o mesmo número apresentado pelo veleiro "Alexander", ancorado no último dia do ano de 1856. O "Canton", por sua vez, a 14 de julho de 1857 desembarca um pequeno francisquense, nascido no porto de São Francisco,

dois dias antes e o "Wiedemann", a 27 de junho de 1858 e o "Isaak Newton" a 4 de janeiro do ano seguinte, assim como o "Najade" em julho de 1860 e o "Louise Frederike" em novembro do mesmo ano, trazem, cada um — um novo cidadão joinvillense.

Já o "Gellert" desembarca três, a 11 de dezembro de 1862, o "Hamburg Paket" um só, a 21 de agosto de 1863, enquanto o "Raleigh" a 3 de julho de 1860 e o "Franklin" em julho do ano seguinte e novamente o "Raleigh" a 24 de dezembro de 1863 trazem, cada um, dois pequenos imigrantes não constantes da lista de passageiros embarcados dois ou três meses antes, no porto de Hamburgo.

A relação acima, de um total de 34 nascimentos ocorridos em alto mar, refere-se apenas aos barcos chegados entre março de 1851 e dezembro de 1863 ou seja, no período dos primeiros doze anos e, segundo as listas existentes no Arquivo Histórico Municipal de Joinville, as embarcações procedentes de Hamburgo foram durante aquele período, em número de 65. É certo, porém, que a relação de 34 crianças não está completa, já porque houve casos em que bebês nascidos em alto mar ou nas costas de Santa Catarina, foram mais tarde registrados como nascidos aqui na colônia Dona Francisca. Por outro lado, deveríamos acrescentar os nascimentos ocorridos aqui, na casa de recepção, onde os recém-imigrados colonos eram alojados durante alguns dias, até tomarem rumo novo na pátria nova. É certo que houve um número bastante elevado, não só de falecimentos, mas também de nascimentos ocorridos na casa de recepção ou seja, dois ou três dias após o desembarque das gestantes. Decerto que o livro de registro de batizados da Comunidade Evangélica de Joinville anota, por exemplo, os nascimentos ocorridos na casa de recepção durante o ano de 1863: a 3 de janeiro, a 1 e 3 de março e 12 de julho. Mas é certo também, que por ocasião dos batizados, efetivados meses após os nascimentos, nem sempre era mencionado o lugar exato do nascimento.

É interessante notar que, segundo o livro de registros de batizados da Comunidade Evangélica, várias crianças nascidas em alto mar receberam nomes, com os quais se procurava homenagear o respectivo marco. Assim tivemos, por exemplo, a Linda Maria e a Linda Julie Margarethe, ambas nascidas a bordo do veleiro "Linda", chegado a 14 de junho de 1854. A Emma Maria nasceu no "Emma" a 26 de dezembro de 1857, Auguste Frankline, no "Franklin", a 4 de junho de 1861, e Hulda Raleigh Oceana a 15 de dezembro de 1863 no "Raleigh", aportado na véspera do Natal de 1863.

E neste mês de maio, no ano do 130º aniversário de Joinville, neste mês das mães e do amor, reverenciamos a memória da mulher imigrante, da esposa, da companheira de trabalho, de mãe — da mãe a dar à luz em circunstâncias precaríssimas às vezes, sem assistência quase, em condições inimagináveis para nós, acostumados ao conforto proporcionado pela tecnologia moderna nas menores coisas do nosso dia-a-dia, familiarizados com o progresso da ciência médica e as facilidades das viagens super-rápidas por terras, mares e ares...

A mãe imigrante, respeitosa Homenagem.

A História de Blumenau revela:

TERMOS DO CONTRATO FIRMADO PELO DR. BLUMENAU COM O GOVERNO IMPERIAL, PARA A MEDIÇÃO DE TERRAS DESTINADAS À COLONIZAÇÃO. OS MÍNIMOS DETALHES DA APRIMORADA TÉCNICA JÁ EXISTENTE. (EXTRAÍDOS DOS DOCUMENTOS HISTÓRICOS PROVENIENTES DOS ARQUIVOS DA BAIXA SAXÔNIA)

“Repartição Especial das Terras Públicas da Província de Santa Catarina, em 27 de outubro de 1857.

Contrato celebrado entre a Presidência da Província e o Doutor Blumenau, para a medição, demarcação e descrição dos terrenos sitos junto ao Rio Itajaí Grande, marcadas com as letras A e B, no mapa que acompanhou o Aviso nr. 39, de 17 de setembro do corrente ano e dirigido pelo Ministério do Império e expedido pela Repartição Geral das Terras Públicas ao Exmo. Snr. Presidente da Província.

Aos 27 dias do mês de outubro de 1857, compareceu em o Palácio do Governo da Província de Santa Catarina o Doutor Hermann Blumenau, e com o Exmo. Sr. Doutor João José Coutinho, Presidente da Província, contratou a medição, demarcação e descrição dos terrenos supramencionados pelo modo e sob as condições seguintes:

1º — A medição dos dois lotes de terras designados no mapa, rubricado pelo Diretor Geral Interino das Terras Públicas — N. S. Azambuja — e anexo no Aviso nr. 39 acima citado, será feito em todo o desenvolvimento de seus respectivos perímetros, empregando-se na medição cadeias de ferro de cinco braças ou onze metros ou então réguas de madeira de 2 braças, ou 4,4 metros, divididas em palmos.

2º — A medição será feita horizontalmente, qualquer que seja a ondulação do terreno.

3º — A declinação da agulha magnética será escrupulosamente observada, e as cadeias e réguas diariamente confrontadas com os padrões de metro por braça.

4º — Nos ângulos das linhas medidas se cravarão marcos de pedra, e na falta destes, de madeira lavrada, de escolhida qualidade para resistirem à ação da atmosfera, e quer destes, quer das de pedra, terão marcas e sinais particulares; e se nas vizinhanças deles houver alguma árvore ou pedra nativa, serão estas também marcadas com os mesmos sinais.

5º — De 250 em 250 braças, serão fixados marcos ou de pedra ou de madeira de boa qualidade, mas de duas faces, nas quais se insculpirá o número correspondente ao de partes de 250 braças nessa linha medidas.

6º — Os marcos, que sempre deverão indicar pela sua posição as linhas que se estiver percorrendo, terão 6 polegadas de face e 32 de comprimento, sendo destas, 16 para enterrar.

7º — A área de cada um dos terrenos será calculada exatamente por braça quadrada e em separado.

8º — No ato da medição se lançarão em livro próprio, notas das

circunstâncias do terreno por onde passaram as linhas, a direção destas declinação da magnética, pontos próprios, traçado de caminhos, sinuosidades, direção, profundidade e largura dos rios, qualidades das margens, das pontas em que eles cortam as linhas medidas, da natureza dos marcos e sinais neles abertos, assim como das árvores ou pedras testemunhas, finalmente de todo quanto possa ser interessante conhecer.

9º — Terminada a medição, será apresentado pelo Diretor Blumenau ao Exmo. Sr. Presidente da Província, o mapa dos terrenos medidos, em que serão figuradas as circunstâncias acima ditas que puderem ser representadas, bem como o livro em que se tomarem as notas das referidas circunstâncias.

10º — Esta medição fica sujeita à verificação por parte do Governo Imperial, que a realizará quando seja apresentado o Termo, mapa e competente descrição, correndo por conta do Doutor Blumenau a correção de erros que se acharem, sem que por essa causa possa reclamar indenização alguma.

11º — O Doutor Hermann Blumenau receberá por cada braça linear de medição a quantia de oitenta réis (\$80), cujo pagamento só terá lugar quando satisfeita a importância das terras pedidas, no valor de meio real a braça quadrada, (preço por que as vende o Governo Imperial ao mesmo Doutor Blumenau), com dedução das despesas da medição, quando lhes forem eles entregues.

E para constar, se lavrou o presente contrato que com o Exmo. Sr. Presidente da Província assinou o Doutor Hermann Blumenau. — Ass. João José Coutinho — Dr. Hermann Blumenau. — Está conforme o original. Repartição Especial de Terras Públicas de Santa Catarina, em 28 de outubro de 1857. — Ass. Delegado do Diretor Gerat: João de I. Mello Alvim”.

HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU E DO SEU FUNDADOR

Nemésio Heusi

(Continuação do nº anterior)

A TRISTE NOTÍCIA

I

Depois do encontro em palácio sobre o desagradável seqüestro do veleiro, o Dr. Blumenau foi para a pensão e escreveu duas cartas.

Uma para o seu amigo Paul Schroeder, comunicando-lhe o ocorrido com o “Macaé” e a outra para o Marquês de Abrantes, pedindo-lhe dar toda assistência a Paul, tão duramente prejudicado pela arrogância e prepotência dos ingleses. Desta, mandou uma cópia a Paul.

Quando saia para postar as cartas, encontrou-se, ao atravessar a praça principal do Desterro, com Hackradt, a quem, aliás, iria visitar depois de passar, ligeiramente, na casa do Major Anacleto Pereira.

Sentaram-se num banco da praça para conversar, tendo o Dr. Blumenau lamentado sua pouca sorte, narrando ao amigo e ex-sócio toda a tragédia do seqüestro.

Hackradt lembrou então:

— Dr. Blumenau, eu tenho a impressão de que o Major Anacleto dispõe de um engenho igual ao que o sr. perdeu no seqüestro.

— Então vamos logo lá, Hackradt! Aliás, eu pretendia mesmo visitá-lo. Quando os dois chegaram à loja, o Major tinha entrado para tomar um cafezinho. Seu filho mais velho levou-os até a sala onde seu pai se encontrava. E a recepção foi muito calorosa:

— Que maravilha, Dr. Blumenau, vê-lo em companhia do seu ex-sócio, como nos velhos tempos. Isto indica que tudo terminou na santa paz do Senhor!

— Naturalmente, Major! Como homens civilizados que somos, — disse-lhe o Dr. Blumenau, abraçando-o. Como vão o amigo e dona Matilde?

— Tudo bem, por aqui, graças a Deus. E o amigo, de onde vem?

— Da Corte. E sempre, aqui na Ilha, enfrentando problemas e mais problemas.

— Não me diga, Dr. Blumenau? Teve novamente prejuízos?

— Desta vez o prejuízo foi incalculável. Para um pobre colonizador como eu. Mas isso pouco importa. Vamos falar de coisas boas e de bons negócios, Major Anacleto.

Hackradt entrou na conversa e perguntou ao Major se ainda tinha o engenho.

— Tenho-o, sim, sr. Ferdinando. Só que não está aqui, mas em Itajaí. Ele fora vendido para os belgas. Parece, porém, que as coisas não vão bem para eles. E devolveram o engenho ao compadre Agostinho que o recolheu ao seu depósito em Itajaí.

O Dr. Blumenau sorriu, dizendo:

— Quer dizer que poderei examiná-lo lá no distrito, com o seu compadre?

— Não só examiná-lo como tudo resolver, Dr. Blumenau.

E o Dr. Blumenau, otimista:

— Hackradt, muito obrigado pela tua lembrança. Porque com o Major Agostinho e aqui com o Major Anacleto, não terei maiores dificuldades.

— Dr. Blumenau, se o engenho servir, pode levá-lo. Quanto ao pagamento, não se preocupe. Posso esperar o tempo que quiser.

Depois de saborearem um delicioso cafezinho, o Dr. Blumenau e Hackradt se despediram e saíram caminhando, pois tinham muito a conversar.

Uma outra surpresa agradável esperava o Dr. Blumenau. O

seu encontro com o Comandante Moreira, que acabava de chegar do Sul, a caminho do Rio de Janeiro, com escala em Itajaí.

Três dias depois, o Dr. Blumenau retornava a Itajaí, na Sumaca "Borba Gato".

II

Durante a viagem, o Comandante Moreira, conversando com o Dr. Blumenau, lamentou a guerra da Argentina, deflagrada em maio findo, contra o ditador Rosas, da Confederação Argentina.

Era a "Tríplice Aliança", que tanto preocupava o seu amigo, Marquês de Abrantes, que a previra para muito breve. Em março, quando do seu encontro com ele em sua residência, comentava: a situação é seríssima, Dr. Blumenau. Seríssima mesmo. A contenda contra a Argentina poderá eclodir nos próximos meses, Dr. Blumenau! Decorria o mês de março. E em maio, a coisa começou.

O Dr. Blumenau estava preocupado, pois frente a tal situação, os imigrantes seriam desviados do Brasil, de vez que ninguém embarcaria para um país em guerra.

E com mais esta preocupação, o Dr. Blumenau desembarcou no porto de Itajaí.

— Como é, Major Agostinho, quais são as boas novas da Colônia? — indagou o Dr. Blumenau, curioso, ao abraçar o amigo.

— Como sempre, Dr. Blumenau, não são boas.

— O que há, Major?

— Uma pequena enchente levou a serraria, algum gado e mais alguns prejuízos de menos monta.

— Ah! Hackradt, teimoso! Construir a serraria à beira do ribeirão, que com qualquer enchente, mesmo pequena, lhe seria fatal. E Reinhold? Os colonos? Qual o seu comportamento face a enchente?

— Muito bem! Conformados e trabalhando para recompor tudo de novo. Menos é claro, a serraria, se perdeu quase toda! Mas estão trabalhando, plantando, serrando à mão, e aguardando o sr. Dr. Blumenau, para as providências habituais. Eu estive lá, para evitar o pânico, juntamente com o Ângelo. Porém, o seu sobrinho já tinha tudo sob controle. É um excelente moço, Dr. Blumenau!

— Graças a Deus, Major. — Suspirou, contente, o Dr. Blumenau.

— Será que o Major podia, por favor, mandar chamar o Ângelo a fim de combinarmos a viagem para lá, amanhã cedo?

Naquela mesma noite o Dr. Blumenau acertou tudo com o Major Agostinho. Não só a compra do engenho de açúcar, como também da serraria que era dos belgas. O Major prontificou-se a desmontá-la, e com os seus homens, montá-la na colônia do Dr. Blumenau, o mais depressa possível.

O Major Agostinho havia recebido uma carta para o Dr. Blumenau, e entregou-a, dizendo-lhe:

— Dr. Blumenau, recebi esta carta já há alguns dias. Estava esperando o amigo para poder entregá-la.

— É da minha cidade natal. O seu remetente é o pai do Rei-

nhold Gaertner! Ao abrir a carta, o Dr. Blumenau empalideceu, e os seus olhos ficaram marejados de lágrimas.

O Major Agostinho assustou-se e perguntou, nervoso:

— Alguma má notícia, Dr. Blumenau?

E ele, mal podendo conter as lágrimas:

— É a mais triste notícia que recebi em toda a minha vida, Major Agostinho! E depois de enxugar os olhos:

— Minha querida mãe acaba de falecer. Faz um mês.

O Major Agostinho, comovido, apresentou-lhe as suas condolências, dizendo-lhe algumas palavras de conforto.

— Será, Major, que eu posso ir até a Capelinha?

— Pode, sim, Dr. Vamos até lá. A esta hora o Padre Agote deve estar rezando o seu breviário.

O Major apresentou-se em comunicar ao padre a morte da mãe do Dr. Blumenau

— Meus sentimentos, Dr. Blumenau, pela grande perda que acaba de sofrer. Como era mesmo o nome de sua mãe, Dr. Blumenau?

— Christiane, padre Agote.

O Dr. Blumenau, de pé, no centro da capelinha, de cabeça baixa, permaneceu por mais de quinze minutos, em profundo silêncio.

Quando os três saíram, o Dr. Blumenau falava comovido e baixo, caminhando no meio dos dois amigos:

— Padre Agote e Major Agostinho, tendo sofrido os maiores reveses, contratempos, aborrecimentos, falta de sorte e perdas materiais enormes. Mas nada se iguala à que sofri hoje, com a notícia da morte de minha mãe, ocorrida no dia 21 de maio passado. Eu muito a queria, tinha por ela verdadeira veneração. Há pouco mais de um ano, perdi meu pai, o meu maior amigo e grande conselheiro. Sofri também muito. Mas, com a perda de minha mãe, parece que sofri mais. Essas duas perdas têm a dimensão da nossa própria vida, por isso que jamais se apagarão da nossa lembrança e da nossa saudade.

Só peço a Providência que não me abandone, nesta encruzilhada difícil da minha vida, Padre Agote. Reze por mim!

— Dr. Blumenau, não me precisava fazer tal pedido! O senhor e o compadre Agostinho, estão sempre em minhas orações diárias! Eu peço a Deus que lhes dê inspiração, para poderem guiar suas vidas tão preciosas para todos nós! Que os ajude a resolver os seus problemas, que são os nossos próprios problemas, porque a sua prosperidade é também a nossa.

— Muito obrigado, Padre Agote!

E dentro em pouco, com Ângelo, mais uma vez subia o grande rio rumo à sua colônia. E, desta vez, levava em seu coração angustiado a notícia mais triste que recebera em toda a sua vida.

III

Saíram de Itajai cedo ainda e Ângelo levava como seu companheiro um novo colega, que logo foi apresentado ao Dr. Blumenau.

Chamava-se Pedro Anastácio, já que Silvério ficara para conduzir o lanchão com outros remadores e homens, para conduzir as mercadorias compradas pelo Dr. Blumenau.

Ângelo, logo que a canoa deixou o barranco, começou a conversa:

— Seu Dr., a comadre Ana me contou que o Dr. perdeu a sua mãe.

— É verdade, Ângelo. Você ainda tem mãe, Ângelo?

— Não. Não há uns três anos!

— E pai?

— Também já morreu, Dr. Blumenau. Eu sinto muito a morte de sua mãe.

— Obrigado, Ângelo. É muito triste a gente perder um ente querido.

— Dr. Blumenau, o senhor me desculpe o que vou falar, mas eu tenho que falar.

— Pois fale, Ângelo!

— Quando a gente perde a mãe, ela vai pro céu, porque o céu, é a morada de todas as mães do mundo! E lá, seu Dr., elas ficam cuidando da gente aqui na terra. E depois delas lá, as coisas aqui pra nós melhora. O sr. vai ver, seu Dr., tudo agora pro senhor vai melhorar de vez!

— Deus te ouça, Ângelo! — Disse o Dr. Blumenau, agradecido.

— Como temos muito tempo, eu vou lhe contá uma velha história que o meu pai sempre contava sobre o seu casamento.

— Pois conte, Ângelo! Depois eu também quero remar um pouco para ajudar vocês e esticar os músculos!

— Não precisa, seu Dr.! Nós, amanhã cedinho, tamos todos lá, se Deus quiser, na sua colônia. O Anastácio é bom de remo, que é danado!

— Eu estava reparando que ele rema muito bem! Mas, afinal, o que é que você tinha pra nos contar, Ângelo?

— É uma história comprida, seu Dr.!

— Quanto mais comprida, melhor! O tempo passará mais rápido.

Ângelo sorriu, e começou a contar a sua história. Ele sempre gostava de contá-la para sua mulher, filhos e os seus amigos:

— Meu pai era paulista. Trabalhava como tropeiro para o grande bandeirante Paes Leme. E certa vez, eles desceram de São Paulo a caminho do Rio Grande do Sul. Vinham caçando e quando encontravam rio, pescavam, quando topavam algum gado bravo ou cavalos, tratavam de pegá e, principalmente, índios, que pegavam e levavam com eles, para venderem nas províncias.

Quando eles passaram por aqui, encontraram uma choupana de bugres, prenderam todos e levaram com eles.

Meu pai viu que uma indiazinha, duns quinze anos mais ou menos, fugiu e se meteu na mata. Só ele viu a indiazinha fugir. Disfarçou um pouco e disse que estava muito cansado e ia aproveitar a chou-

pana pra descansar. Seus companheiros foram embora e deixaram ele descansando.

Quando ele viu que eles desapareceram na picada, soltou o cavalo e se meteu mata a dentro, atrás da indiazinha. Ele era danado pra encontrá índio extraviado no mato e ninguém melhó do que ele pra achá.

Quase à noitinha, depois de muito procurá, não encontrava a danada da india. Ia até desisti quando viu um barulhindo numa moita, se escondeu atrás duma árvore e ficou à espreita na folhagem que se mexeu, não demorou muito a danada da indiazinha saiu detrás da moita e vinha caminhando nas pontinhas do pé, olhando pra todos os lados. Quando ela passou por perto da árvore, meu pai avançou e a danada escapou, parecia até que tinha o corpo cheio de óleo de tão escorregadio. Meu pai correu atrás da danada e atirou-se nos seus pés, segurando com força. Ela caiu e ele dominou a bichinha. Ele pediu a ela que se acomodasse, porque ele também tinha fugido pra modo pegá ela, porque tinha gostado dela, logo na primeira vista. O jeito do meu pai, que era um morenãõ bonito e forte, um homem manso e bom e viu mesmo que ele tinha fugido, porque só ele estava ali com ela, pois seus companheiros tinham ido embora, levando seus pais e irmãozinhos!

Passaram aquela noite escondidos dentro da mata, no maior respeito.

Anastácio, que a tudo ouvia com o maior interesse, deu uma risadinha debochada e Angelo se ofendeu:

— Olha Anastácio, tu deixa de maldade, de maus pensamentos.

— Então, Angelo, tu acha que teu pai, morenãõ e forte como você, moço, ia passá uma noite no mato com uma...

— Cala a boca Anastácio. Tenha mais respeito aqui com o Dr. Blumenau, ouviu, seu maldoso!

O Dr. Blumenau acalmou Angelo, sorrindo.

— Continue Angelo! E você, seu Anastácio, não interrompa mais! Angelo, me dê os remos, quero remar um pouco. Senta em meu lugar e continua a tua história, porque estou gostando muito.

— Mas, seu Dr., eu não estou cansado, não!

— Nada disse, passa os remos para mim.

— Mas, então como ia dizendo, passaram no mato aquela noite no maior respeito. — Ele agora estava de frente para Anastácio e olhou firme e sério para ele, repetiu de propósito, a frase, para provocar Anastácio — passaram aquela noite no maior res...pei...to! Tu não ri não, Anastácio, que eu te joga no rio e tu vai a nadô até a vila!

— Tá bem, Angelo, eu só estava brincando.

— Pois olha Anastácio, eu tô contando uma história verdadeira! Eu não tô fazendo nenhuma palhaçada, pra você ficá rindo! E tenha, seu Anastácio, mais respeito aqui com o Dr., respeite seu sentimento, que tá de coração partido por causa da falecida, a senhora sua mãe, ouviu bem, Anastácio?

— Ângelo! Continua e não dá importância para o seu colega, sua história é interessante, continua... continua.

— Passado um três dias, eles só comendo frutas do mato, vieram até a vila, que tinha pouquinhas casas. Viram que a bandeira já tinha seguido, procuraram um casal de pescador que morava na beira do rio.

O pescador, homem bom que nem São Pedro, que também era pescador, ouviu seu Anastácio. Mas a mulher dele que tinha um filhinho e ele que também desertara duma bandeira, há já muito tempo, e casado também com uma índia, dentro das leis da tribo dela, acabaram gostando dos dois fugitivos e deixaram eles ficá morando e trabalhando com eles, dentro do maior respeito. Só podiam dormi junto, depois do casamento.

Passado uns dois mês, um dia um veleiro entra a barra e fundeia bem na frente do vilarejo.

Padre só aparecia no vilarejo quando passava uma bandeira e elas só passavam por ali de anos em anos.

O pescador disse que o comandante do veleiro tinha autoridade para casá, foram então a bordo, meu pai e o pescador, pra mode combiná o casamento e marcá o dia.

O veleiro era espanhol e mais parecia um navio pirata, que vinha atrás do ouro, do morro do Baú!

— Será Ângelo, que tem ouro mesmo no morro do Baú? — Perguntou o Dr. Blumenau, curioso.

— Eu já tive lá e não vi ouro nenhum, mas o povo diz que tem.

— São lendas, Ângelo, apenas lendas. Continua.

— Depois da conversação com o comandante, que era um pau d'água danado, ele acabou concordando que viessem bem cedo, porque senão mais tarde ele já tava bêbado e era capaz de roubar a noiva. E deu uma bruta gargalhada, que assustou os dois.

E o resultado foi que o pai não casou daquela vez, porque viu logo que se ele casasse perdia a mulher, porque o comandante vivia no porre.

— Você, Ângelo, quer dizer que eles viveram tanto tempo na casa do pescador, dentro do maior res...pei...to?

— Viveram na casa do pescador por mais de oito mês, como se fossem dois irmãos, ouviu seu maldoso!

Um dia, outro veleiro, uma sumaca portuguesa, entrou na barra. Meu pai mais o pescador assustaram bem e viram que eram portugueses e tinham também marinheiros brasileiros.

De manhazinha, pegaram a canoa do pescador e foram a bordo, meu pai, a índia e o pescador. Depois de muita conversação e com o apoio da marinheirada, que queriam o casamento, o comandante casou os dois como manda a lei e tudo acabou num bruto porre entre os marinheiros. Mas, o pescador, meu pai e a noiva, conseguiram escapar, ajudados pelo comandante mais uns oficiais e vieram para a terra.

— Bonita história, seu Ângelo aliás, foi assim, em grande parte.

que nasceram e cresceram populações meridionais brasileiras --- disse o Dr. Blumenau, sorrindo.

Ângelo agradeceu as palavras do Dr. Blumenau e concluiu:

— Seu Dr., dá licença que ainda tem mais, tem o finzinho, e é pra tapá a boca deste maldoso do Anastácio, seu Dr.

— Pois termina, Ângelo! Termina que eu continuou remando.

— Olha bem, Anastácio! Olha bem, heim, pro finzinho pra tapá tua boca desdentada, seu malvado:

Naquela noite, aí, sim, eles dormiram juntos numa pequena choupana, que já tinham construído há muito tempo, só esperando pelo casamento pra morá nela, e passado nove mês do casamento, nasci eu, seu primeiro filho. — Ele olhou sério pro colega, — Tás agora convencido, seu maldoso, da virgindade da noiva?

Anastácio, que era mesmo debochado, sorriu irônico!

— Será que eles marcaram o tempo pela lua ou pelas estrelas?

Quando Ângelo levantou-se, para jogar Anastácio no rio, o Dr. Blumenau, que estava entre os dois, o impediu e pediu ao Anastácio para não brincar com coisa séria.

Ele ficou silencioso por algum tempo e, envergonhado pela sua estúpida brincadeira, falou para o seu amigo e companheiro:

— Ângelo, você me adesculpe! Te magoei porque eu sou burro mesmo, não zangue comigo, Ângelo.

— Tá bem! Tá bem! Quem nasce debochado, morre debochado!

O sol não havia nascido ainda, quando eles chegaram. Na colônia, todos dormiam. Até a graúna não acordou ainda, disse Ângelo, subindo o barranco do rio, com a bagagem do Dr. Blumenau.

IV

O Dr. Blumenau, depois de acordar Reinhold, deu-lhe logo a notícia da morte de sua tia:

— Reinhold, me perdoa de te dar tão cedo a notícia da morte de mamãe. Recebi carta de teu pai e ele me comunicou a triste notícia. Lê a carta, toma.

— Tio, quando me despedi dela, ela me disse: “Reinhold, agora que vais para junto de Blumenau, cuida bem do meu “homenzinho”! Eu achei graça e respondi-lhe, sorrindo: “Tia! Ele é um bruto de um homem e a senhora o chama de “homenzinho”! É ele, tia, que tem de cuidar de mim”!

— Ela sempre me chamava, carinhosamente, de “homenzinho”! E as roseiras, Reinhold, não se perderam com a enchente?

— Não, tio! A enchente não chegou até lá! Então, já soube de tudo?

— Sim, o Major Agostinho contou-me tudo.

— É, ele esteve aqui assim que viu as águas amareladas chegarem a Itajaí, depois das chuvas. Ele é um grande amigo seu, tio.

— Se é! Ainda agora comprei dele um engenho de açúcar e outra serraria. Daqui a uns dias, ele virá com os seus homens para montá-la.

— O sr. sabe que perdemos dois homens afogados e mais sete.

entre mulheres, crianças e homens? Ficamos reduzidos a dois homens!

— É, Reinhold, lamentável. Já prevendo isto, quando na Corte, mandei muita propaganda para a Alemanha, para os meus amigos e parentes espalharem por todo o país e atrair imigrantes alemães para a nossa Colônia. Meus folhetos eram "Instruções orientadoras para imigrantes, com destino à Província de Santa Catarina". Escrevi num alemão simples e bem acessível e espero, meu sobrinho, que até meados de 1852, isto é, o ano que vem, começam a chegar novos colonos. Tenho muita esperança e fé na Providência.

— Na carta de papai ele diz que a parte da sua herança, com a morte de seus pais, é de 48.000 marcos, tio?

— É. Agora que o dinheiro não é mais problema para nós, você é quem vai assumir a parte financeira e comercial da Colônia. Eu apenas tomarei conta da vinda e dos meios políticos de como trazer os meus colonos, Reinhold. Ele andava e conversava com o sobrinho, quando chegaram perto das roseiras, cada uma tinha um bonito botão. — Olha, Reinhold, elas vão florir! É muito interessante a coincidência de não ter perdido estas roseiras, nem daquela vez, no Desterro e agora, com as chuvas fortes e a enchente. Parece que mamãe, lá no céu, está cuidando delas. Porque, Reinhold, ela ouviu quando papai, às vésperas da sua morte, ao me dar essas roseiras, me pediu para que nunca as deixassem morrer! Ele queria, com este gesto, imortalizar o seu amor para comigo.

É, Reinhold, os pais nunca esquecem os filhos. Nós, imperdoavelmente, na maioria das vezes, é que os esquecemos. Daí a alegria que estes botões, que vão florir, representam para mim. Ângelo, na rudeza da sua cultura e na beleza da sua simplicidade de caboclo, tem a sua verdade, quando disse: "Nossas mães vão para o céu quando morrem, porque lá é a morada de todas as mães do mundo, e de lá ficam cuidando de nós aqui na terra! Seu Dr., sua vida, de agora em diante, vai melhorá de vez!" — É, meu sobrinho, ainda há gente que não acredita em Deus!

(Continua no próximo número)

Curiosidades de uma época - III

"REVOLUÇÃO DE 1930 e 1932"

S. C. Wahle

Um dos episódios de que me lembro bem destas duas revoluções é que os poucos possuidores de carros daquela época eram, talvez, bons revolucionários, mas negavam-se a contribuir para a causa. Assim, numa determinada tarde, os carros todos passaram a se dirigir para um pátio da antiga igreja matriz paroquial, nos fundos de um prédio de dois andares da escola primária, em um caminho que dava acesso ao velho cemitério católico.

Este pátio chegou a estar cheio de carros que estavam sendo escondidos aos revolucionários. Os mais curioso é que praticamente a totalidade dos proprietários destes carros eram protestantes, . . .

— DIA 1º — No Pavilhão "A" da PROEB, realizou-se a solenidade de abertura do Sexto Festival do Cão, que reuniu em Blumenau expositores de cães de todo o país e juizes de renome internacional. A Prefeitura prestigiou o acontecimento, auxiliando nas despesas do certame com 120 mil cruzeiros ao Kenel Clube de Santa Catarina, promotor do mesmo e sediado em Blumenau.

— o —

— DIA 4 — Ao informar que por autorização do Prefeito Renato Vianna, a Secretaria de Agricultura havia adquirido mais dois tratores da marca "Tobata" para atender ao agricultor blumenauense, o titular daquela pasta, veterinário Renato Beduschi, informou ainda que no primeiro trimestre do corrente ano, os microtratores atenderam a 287 propriedades agrícolas, totalizando 1.347 horas trabalhadas.

— o —

— DIA 6 — Este foi o primeiro dia de funcionamento de uma nova feira-livre instalada pela Prefeitura Municipal, através da Secretaria de Agricultura, na Itoupava Norte, perfazendo a sétima rede de abastecimento deste gênero mantida pela municipalidade.

— o —

— DIA 6 — Pelo Prefeito Renato Vianna foi enviado à Câmara de Vereadores projeto de lei propondo a concessão de uma verba anual de Cr\$ 72.000,00 à Aliança Francesa de Blumenau como fórmula de auxiliar a entidade a arcar com os encargos financeiros decorrentes de suas atividades de ensino da língua e cultura francesas.

— o —

— DIA 8 — O coral masculino "Liederkranz", do Centro Cultural 25 de Julho, deu concerto em Pomerode, perante numerosa platéia.

— o —

— DIA 8 — Promovido pela Prefeitura Municipal através do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura, realizou-se neste dia, a solenidade de abertura da exposição denominada "Valores Novos", com obras dos artistas Marcos Cuneo, Odete Allora e Gisela Zadrozny, assim como o lançamento do livro do poeta joinvilense Alcides Buss, intitulado "O Homem e a Mulher". O ato teve lugar na Galeria Municipal de Artes, à rua Ângelo Dias, 195.

— o —

— DIA 8 — Na Loja Maçônica "Hermann Blumenau", teve lugar a solenidade de instalação da nova administração, tendo sido instalado como Venerável Mestre o sr. Carlos Ubiratan Jatahy.

— o —

— DIA 9 — No Centro Cultural 25 de Julho, realizou-se a Noite

de Concerto de todos os Grupos Artísticos — Cantores e Musical — em homenagem ao Dia das Mães.

— o —

— DIA 11 — No Teatro Carlos Gomes, realizou-se o Recital de Jacques Klein, na série Pró-Música de Blumenau.

— o —

— DIA 12 — Na sede da Sociedade Recreativa Esportiva e Cultural Salto do Norte, realizou-se, sob a presidência do jornalista José Gonçalves, a reunião anual dos dirigentes dos clubes de caça e tiro, para organizar o Encontro Anual de Atiradores, cuja reunião contou com a presença de 26 representações, ocasião em que foi sorteado o Clube de Caça e Tiro Fortaleza para ser o anfitrião este ano, do Torneio de Tiro a realizar-se dia 2 de agosto.

— o —

— DIA 12 — Instalou-se em Blumenau neste dia, o Quinto Seminário Brasileiro de Endoscopia Digestiva e da II Jornada Catarinense de Gastroenterologia que se realizou no Teatro Carlos Gomes até o dia 16.

— o —

— DIA 12 — O Prefeito Renato Vianna recebeu comunicação do senador João Calmon, informando haver prestado contas de sua participação em Blumenau, no Seminário Nacional sobre a Lei de Diretrizes e Base da Educação, falando no senado e diz que “me deslumbrei com a revelação de que em Blumenau destina-se 32% da receita tributária do município à educação”. Mais adiante, aquele senador diz textualmente “saí de Blumenau acalentando o sonho de que, em termos de educação, o Brasil se transforme numa imensa Blumenau, graças à preocupação obsessiva deste município”. Felicitou o prefeito Renato Vianna “por ter mantido este percentual e procurado, todos os anos, aumentá-lo ainda mais” e enfatizou, ao final, que “muitos me perguntavam se esta área pertence mesmo à República Federativa do Brasil”.

— o —

— DIA 12 — Transcorrendo o Dia da Enfermeira, a Secretaria de Saúde e Bem Estar Social promoveu homenagem às enfermeiras que atuam naquele setor.

— o —

— DIA 12 — No Saguão da FURB, realizou-se às 20 horas, solenidade dos seguintes eventos: Exposição Fotográfica de Josette Uberschlag, Noite de Autógrafos dos escritores Roberto Gomes, Glauco R. Corrêa, Manoel Pinheiro Neto e Enéas Athanázio e o lançamento do V Concurso de Contos da FURB, tudo em regozijo pelo 17º aniversário de Ensino Superior em Blumenau.

— o —

— DIA 13 — No Museu de Arte de Santa Catarina, realizou-se o coquetel de abertura da exposição “Terra Brasileira”, dos artistas Janga e Campolino Alves, evento que foi apoiado pela Fundação Catarinense de Cultura.

— DIA 14 — O Prefeito Renato Vianna recebeu da Secretária de Saúde e Bem-Estar Social, um relatório no qual é comunicado que o setor de saúde daquela Secretaria, atendeu, durante o mês de abril, 13.710 pessoas, através dos médicos e dentistas que estão a serviço da municipalidade.

— o —

— DIA 14 — Relatório apresentado pelo Departamento de Cultura, informou ao prefeito Renato Vianna que a realização dos espetáculos do "Projeto Pixinguinha", este ano, superou, em público, o registrado no ano passado, quando compareceram 10.635 pessoas, contra 13.500 deste ano.

— o —

— DIA 16 — Com a presença de numeroso público, foram inauguradas, pelo chefe do Executivo blumenauense, as dependências da Biblioteca e do Laboratório de Ciências da Escola Municipal "Lúcio Esteves", localizada no bairro da antiga "Escola Agrícola", obra esta que foi construída com os recursos da Associação de Pais e Professores (Cr\$ 400.000,00) e da Municipalidade de (Cr\$ 200.000,00).

— o —

— DIA 19 — Em comemoração ao 10º aniversário da Escola Superior de Música de Blumenau, realizou-se um Concerto de Música de Câmara, com integrantes da Escola Superior de Música, no Teatro Carlos Gomes.

— o —

— DIA 21 — Na sede do 2º Subgrupamento de Incêndios, teve lugar a solenidade de passagem de comando do Capitão Jair Wolff ao Capitão Antônio Cúrcio. Estiveram presentes autoridades e convidados.

— o —

— DIA 22 — No Saguão da FURB, realizou-se a solenidade de instalação da XI Coletiva de Artistas de Joinville, ainda como parte das comemorações do 17º aniversário de Ensino Superior de Blumenau.

— o —

— DIA 24 — Promovido pela Liga Cultural e Recreativa do Vale do Itajaí, realizou-se, em Presidente Getúlio, o Festival Anual de Corais da referida entidade cultural, do qual participaram os três corais do Centro Cultural 25 de Julho, de Blumenau — infanto-juvenil misto e masculino.

— o —

— DIA 25 — Chegou a Blumenau, procedente de Berlim (DDR), o jornalista alemão Gerhard Desombre, redator da revista "Wochenpost", que veio ao Brasil a convite do embaixador brasileiro em Berlim. sr. Mário Calabria. Desombre permaneceu quatro dias em Blumenau, tendo inclusive visitado a reserva indígena do Posto Duque de Caxias.

— DIA 29 — No Centro de Ensino Profissional da Rua da Glória, mantido pela Prefeitura, realizou-se a solenidade de entrega de certificados a 15 novos profissionais Mecânicos de Máquina de Costura Industrial, que completaram um total de 150 horas de aula.

— o —

— DIA 30 — O Prefeito Renato Vianna inaugurou a nova praça, denominada “Prof. João Maria Mosimann”, a 56ª implantada no seu governo e construída no trecho entre a rua 15 de Novembro e a Avenida Pres. Castelo Branco. A praça, de 128 metros quadrados, é cercada por um canteiro florido, um espelho d’água com duas colunas trabalhadas em mármore que funcionam como chafarizes, além de quatro luminárias e cinco bancos.

— o —

— DIA 31 — Tocante e justa homenagem foi prestada a Frei Odorico Durieux, pela passagem do seu Jubileu de Ouro Sacerdotal. A homenagem, iniciativa do jornal “A Folha de Blumenau”, com a participação da TV-Coligadas e da Prefeitura de Blumenau, constou de uma churrascada que teve lugar na sede do G. E. Olímpico, dela participando cerca de trezentas pessoas que foram levar seu abraço ao nobre educador. Na oportunidade falaram o estudante Gilvan Mueller, em nome da Academia Mont’Alverne, o prefeito Renato Vianna, o sr. Marcos Buechler em nome do governador do Estado e o homenageado.

“Deutscher Turnverein zu Joinville”

Elly Herkenhoff

(Conclusão do número anterior)

Em agosto de 1914 estourou a I Grande Guerra. Durante os três anos seguintes, os acontecimentos nos campos da Europa quase não influenciaram o dia-a-dia da pacata comunidade joinvillense. Em outubro de 1917, porém, o Brasil se viu envolvido no conflito, declarando guerra ao “Reich” Alemão. Conseqüentemente, a nossa então já veterana e quase quinquagenária agremiação ficou interdita, não podendo exercer qualquer atividade, durante os dois anos seguintes.

Mas, terminado o conflito, novas perspectivas se abriram em todos os setores da atividade humana, inclusive no campo dos esportes, que teve enorme expansão. Por outro lado, em Joinville verificou-se uma acentuada corrente imigratória, procedente da Europa, e é evidente que, no meio daqueles grupos de estrangeiros, havia afeiçoados dos esportes, fato que, de um modo ou de outro, veio influenciar a evolução da nossa Sociedade.

Em 1923 realizou-se a festa do 65º aniversário com extraordinário brilho e participação de 5.000 visitantes, entre os quais associações congêneres de outras localidades.

Atendendo a muitos pedidos naquele mesmo ano foi organizada a secção feminina de ginástica, que teve grande atuação e destaque, durante muito tempo.

Mas, com a afluência de novos sócios e a divulgação cada vez maior dos esportes modernos, a Sociedade foi se transformando, de agremiação puramente ginástica em sociedade esportiva, onde várias modalidades eram praticadas, inclusive pela secção feminina e pela secção infanto-juvenil.

E em novembro de 1933, quatro anos depois da reforma e ampliação da antiga sede, mais uma das inigualáveis festas de jubileu — o 75º aniversário de fundação — marcou época, tendo a participação de várias associações congêneres do Estado e ainda de São Paulo e do Rio.

Em 1938 teve início, em todo o País, a Campanha de Nacionalização decretada pelo Governo Getúlio Vargas. Conseqüentemente, o nome "Deutscher Turnverein zu Joinville" foi modificado para "Sociedade Ginástica de Joinville", assim como novos estatutos foram elaborados, sob as vistas do 1º Tenente Domingos da Costa Lino Sobrinho, nomeado presidente da Sociedade de Ginástica, pelo General Meira de Vasconcellos, segundo notícia publicada no "Jornal de Joinville", a 28 de maio de 1938.

Deflagrada a II Guerra Mundial em setembro de 1939, o Brasil se viu envolvido no conflito a partir de agosto de 1942, todas as atividades da Sociedade Ginástica foram então paralizadas e a sua sede ocupada por soldados da Força Pública Estadual. Mas sete anos mais tarde, a 25 de fevereiro de 1949, foi realizada a entrega-oficial do patrimônio da Sociedade, pelo então Delegado Regional de Polícia, Major Asteroide Arantes, sendo a Sociedade representada, na ocasião, pelo seu presidente Hans Ottomar Kupsch.

E, reintegrada na vida esportiva da Cidade e do Estado, a veterana sociedade solicitou filiação à LANC e já três anos depois do reinício dos treinos no ano do Centenário de Joinville, as diversas equipes já haviam conquistado os seguintes títulos:

Campeão Estadual de Atletismo Feminino. — Campeão Estadual de Voleibol Feminino. — Campeão da Cidade de Voleibol Juvenil, 1951. — Campeão da Cidade de Voleibol Feminino Aspirantes. — Campeão da Cidade de Atletismo, 1949. — Campeão da Cidade de Atletismo Feminino, 1950. — Campeão da Cidade de Atletismo Feminino, 1951. Campeão da Cidade Centenária, 1951.

E muitas outras vitórias ainda seriam acrescidas pelas diversas equipes, no decorrer dos anos, tanto é que a nossa Sociedade Ginástica — que em dezembro de 1965 foi declarada de Utilidade Pública, por Decreto Estadual — detém em Joinville o maior número de campeonatos da LANC e o maior cartel de títulos e vitórias em toda a Região Norte de Santa Catarina.

Hoje, em conseqüência do grande número de agremiações esportivas existentes na Cidade, a Ginástica se limita às atividades sociais, em sua magnífica e moderna sede, construída há 20 anos, e à

prática de basquete, modalidade esportiva em que, ainda no ano de 1977, reconquistou o campeonato estadual, depois de 38 anos, já que em 1939, a equipe daquela época havia conseguido o título pela última vez.

E existe — continua existindo, — a tradicional “Maennerriege” (secção masculina) da Sociedade Ginástica de Joinville, mantida pelos seus veteranos esportistas, fieis ao espírito dos fundadores que, a 16 de novembro de 1858, aqui se reuniram, imbuídos de um ideal comum, ginastas de corpo e alma e cômicos da antiquíssima citação proverbial:

“Mens sana in corpore sano”.

Revelações do Arquivo Histórico de Blumenau

(Compilado por Sueli M^a Vanzueta Petry)

Registro da informação dada pela Câmara em uma Petição de João da Cunha de Souza, em que pede a S.^a Exa. nas Cabeceiras do Rio Camboriú mil e quinhentas braças de terras em quadro correndo os rumos norte ao sul, leste a oeste.

Ilm^o Exm^o Sr. A Câmara Municipal da Vila de Porto Belo em virtude do respeitável Despacho de V. Exma. de 20 de dezembro do ano passado, tem a informar que procedendo as deligências da Lei sobre a pretensão requerida pelo suplicante estão ou não devolutas, porquanto a esta Câmara não apresentaram alguma reclamação, por isso julga estarem nos termos se serem concedidas ao Suplicante. Porém sobre tudo V. Exa. mandará o que for justo.

Porto Belo 21 de Abril de 1842.

João da Cunha Bitancourt, Bernardo Dias da Costa, Antônio Moreira da Silva, Antônio José de Medeiros, Thomaz Francisco Garcia, João Corrêa Rebello.

— o —

Registro da informação dada pela Comarca em uma Petição de Manoel Fernandes Vieira e Francisco José Bernardes e Marcelino José Bernardes moradores no Rio de Camboriú.

Ilm^o e Exm^o Sr. A Câmara Municipal da Vila de Porto Belo em virtude do Despacho de V. Exa. de 10 de Setembro de 1841, tem a informar que procedendo as deligências da Lei, sobre a pretensão requerida pelos suplicantes estão ou devolutas, porquanto a esta Câmara não apresentaram reclamação alguma, por isso julga estarem nos termos de serem concedidas aos suplicantes, porém sobre tudo V. Exa. mandará o que for justo.

Vila de Porto Belo 18 de maio de 1842.

João da Cunha Bitancourt, Bernardo Dias da Costa, Antônio José de Medeiros, Thomaz Francisco Garcia, João Corrêa Rebello.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excerto do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia) publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

NOTICIA DE 12 DE DEZEMBRO DE 1868:

Dona Francisca. FALECIMENTO DE AUGUST WUNDERWALD. No dia 4 de deste mês, à tardinha, um longo e solene cortejo fúnebre se locomoveu pelas ruas de Joinville. A imensa massa popular, que acorreu de todos os recantos, a fim de reunir-se ao cortejo, evidenciava tratar-se de personagem que em vida teve muitos amigos e prestou serviços dos mais relevantes à Colônia. Os maçons, os componentes das associações de canto coral existentes em Joinville, os companheiros da sociedade de Ginástica e da Associação de Amparo aos Enfermos "Zur Brüderlichkeit" (A Fraternidade), o pastor protestante em sua vestimenta, o padre católico, de batina, como particular — todos seguiam contritos e pesarosos. Muitos que, devido a divergências viviam afastados uns dos outros, ali estavam reunidos em face da morte de um dos seus amigos mais próximos movidos pela mesma dor e pelo mesmo sentimento humano. Ah! — porque não se aproximam assim os seres humanos, em face da vida? A pessoa que tantas homenagens recebia após a sua morte, era o nosso engenheiro AUGUST WUNDERWALD, o aferrado, o incansável "escoteiro", que durante 15 anos, foi rompendo a floresta virgem para levar a cultura aqui já radicada, a novos caminhos.

August Wunderwald nasceu a 2 de maio de 1814 em Braunschweig, Alemanha, imigrou no começo de novembro de 1853, encontrando aqui vasto campo para a sua atividade profissional. Além das medições e instituições realizadas na área da Colônia Dona Francisca, ocupou-se com explorações contínuas em regiões até então completamente desconhecidas, somente freqüentadas pelos indígenas, regiões agrestes, de mata virgem e montanhas rasgando assim, a custa de esforços inauditos, de privações sem fim e constantes perigos, a extensa região até Blumenau, no Sul, até Rio Negro no Oeste e Curitiba e Paranaguá no Norte. A sua obra mais importante, pela qual também foi agraciado com a insígnia da Ordem da Rosa, pelo Governo Imperial, foi a exploração difícilíssima, durante anos a fio, e a fixação de um traçado da estrada, partindo de Joinville, em direção ao Planalto, através da íngreme Serra do Mar, até a antiga colônia alemã do Rio Negro — isto é, a atual Estrada da Serra, na qual já se apresenta, atualmente, considerável movimento. Agora mesmo estava ele dando início a uma nova fase de nossa Colônia, fazendo avançar a colonização do Litoral ao Planalto, região, sem dúvida alguma, ainda mais propícia ao colono alemão. Nosso Wundewald, embora já sofrendo de crises da enfermidade que afinal o vitimou, não se dei-

xava abater, e envidou esforços inauditos, para levar a bom termo, e o mais rápido possível, a sua tão promissora obra. Mas o destino não o permitiu, pois o agravamento de seu estado de saúde lhe impôs um Alto! imperioso. Enfermo, extenuado voltou do Planalto ao seio da família e todos os cuidados médicos foram inúteis para estagnar o progresso da crise até o desenlace fatal. Após ingentes sofrimentos adormeceu ele a 3 de dezembro, pouco após meio dia, entregando a alma ao Senhor. No dia imediato o corpo foi conduzido ao topo de cemitério local, com préstito dos mais impressionantes, sendo levado ao túmulo em cerimônia tocante e digna do grande homem.

— O —

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal.

Um esclarecimento

Dr. Afonso Rabe

Com referência a um pitoresco episódio descrito pelo sr. S. C. Wahle, sob o título:

Curiosidades de uma época — I

"O Delegado de Higiene" (Década dos 20)

Ocorrido em 1928 e publicado no nº 4, abril de 1981, página 112 de "BLUMENAU EM CADERNOS", a bem da verdade, permito-me apresentar uma retificação quanto ao final daquele relato, onde o autor diz o seguinte:

"...médico feito Delegado de Higiene e usava uma placa oficial da Prefeitura, com as iniciais D. H. no carro oficial, para atender sua clínica particular."

Em defesa da honorabilidade daquele colega — que eu não conheci, pois, em 1928 eu ainda estava estudando medicina no Rio de Janeiro, eu julgo poder afirmar que o trecho "... no carro oficial, para atender sua clínica particular", não é verídico.

É que vários anos depois, eu próprio, já estabelecido como médico nesta cidade, fui nomeado Delegado de Higiene, pelo Governo do Estado.

Assim posso esclarecer com segurança que NÃO dispúnhamos de carro oficial e que aquele cargo era apenas honorífico, SEM nenhuma remuneração.

Todos os eventuais serviços externos na prevenção de doenças

infecciosas e no combate a epidemia, nós os fazíamos em NOSSOS CARROS PARTICULARES.

O mesmo deve ter ocorrido com aquele colega D. H. em 1928.

A Prefeitura Municipal que, naquele tempo, ainda arrecadava as taxas sobre veículos e fornecia as respectivas placas, realmente concedia ao Delegado de Higiene, — para o seu carro particular —, uma chapa oficial que trazia a sigla “D. H.”, que nós aceitávamos como uma retribuição simbólica e gentil do Sr. Prefeito, por nossos serviços gratuitos em prol da coletividade blumenauense.

A nota hilariante desse capítulo, como também o revelou, corretamente o sr. S. C. Wahle, é que o mencionado D. H. na placa, logo que surgiu, foi traduzido, mui jocosamente, por algum brincalhão anônimo, para o idioma alemão, — então ainda largamente dominante nesta região —, pela depreciativa expressão popular “Dummer Hund” (cachorro imbecil), ou seja, — um pouco mais “delicadamente” —, “sujeito burro”!

De minha parte sempre recebi o “nobre” título, com esportividade e bom-humor, pois, na verdade, quem trabalhava de graça e ainda usava o seu carro particular para isso, só merecia mesmo ser classificado como “Dummer Hund”, cujas letras iniciais, como se vê, correspondem ao D. H. da chapa.

Não obstante, até hoje eu me sinto plenamente gratificado, pelo simples bem, em si, que me foi possível fazer, como D.H., pelo povo de Blumenau, naquela época.

E assim, certamente, também aquele colega D.H., antes de mim, bem como, os que me sucederam.

O altruísmo ainda NÃO era uma raridade.

Em maio de 1945, quando foi inaugurado o Centro de Saúde local, o saudoso título “D.H.” desapareceu da história e o “Dummer Hund” foi esquecido, embora não de todo, como vimos.

Suas atribuições foram incorporadas e devidamente ampliadas, — agora sim —, por uma equipe de funcionários estaduais remunerados e o Centro de Saúde foi dotado, inclusive, de um carro oficial, com motorista!

Blumenau, 8 de maio de 1981

dr. Afonso Rabe

Banco do Estado de São Paulo SA

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

Tipos originais de Blumenau

(Do livro de Paul Hering — Memórias — Aventuras e Anotações)

UMA FIGURA INTERESSANTE

Foi também o Dr. E. — Eu cheguei a conhecê-lo quando eu estava pintando sua nova casa. Quando dispunha de tempo, aproveitava-o para ficar no prédio novo onde num dos quartos havia instalado um pequeno laboratório. Nessas ocasiões ele observava o meu trabalho e conversava comigo. Mas a gente não podia acreditar em tudo quanto contava pois gostava de gabar-se e exagerar no que dizia. O velho e bom doutor porém, tivera muitos dissabores na vida. O filho mais velho após ter se formado em medicina na Alemanha, faleceu aqui em Blumenau de tísica. Eu mesmo fiz um retrato dele em seu leito mortuário, pois o aparelho do fotógrafo estava estragado. O segundo filho desapareceu numa viagem à Itália e nunca mais se teve notícias do mesmo. O terceiro, de nome Leopoldo, foi muito leviano e custou ao pai a maior parte de sua fortuna. Na revolução apareceu como tenente das tropas federalistas sob o comando de Gomercindo Saraiwa. Mais tarde faleceu. O doutor me contou de sua vida médica em Joinville a seguinte história:

Em Joinville era-se obrigado, como médico, a possuir um estoque de certos medicamentos para casos de emergência, pois a pequena farmácia nem sempre tinha em estoque o necessário. Acontece que uma galinha entrara em seu laboratório e quis livrar-se de seu ovo. “Eu quis — contava o médico — enchotar a galinha para fora e esta voou assustada por entre as diferentes garrafas que estavam na prateleira, derrubando uma ao chão; era a garrafa com clorofórmio. Animal, desgraçado! Queira Deus que nos próximos dias não tenha que fazer uma amputação ou cirurgia, pensei, e mandei logo buscar um frasco com clorofórmio na farmácia. Lá não havia o produto. Telegrafei imediatamente a Desterro, pois lá certamente havia estoque e poderia adquirir o necessário, porém demoraria alguns dias para chegar. Apenas uma hora depois bateram na porta com insistência. Dois brasileiros estavam lá fora e relataram que em Vargem Grande uma moça mulata havia se acidentado, entrando com a mão e braço nos cilindros de um engenho de açúcar, esmagando o antebraço. Que o pessoal logo havia feito a junta de boi parar, mas parece que não havia jeito de salvar o braço da moça e o mesmo teria que ser amputado.

Estava eu em apuros. Mas era dever humano socorrer a vítima. Talvez não houvesse necessidade de uma amputação. Em todo caso eu tinha que ir lá, pois era o único médico. Arrumei meus instrumentos e fui com os brasileiros numa canoa até ao local, viagem que durou 3 horas. A moça estava deitada sobre uma esteira numa choupana e gemia de dor. Haviam embrulhado o braço com tudo quanto de panos puderam arranjar para conter a hemorragia. Mandei os curiosos para

fôra do quarto e examinei o braço da moça, e chegando a conclusão que não havia outra alternativa senão amputar o braço. “Nesse caso o que o senhor teria feito, senhor Hering?” — Eu respondi que ficaria perplexo e sem saber o que fazer — Pois preste atenção — continuou o médico — depois de todos terem saído do quarto a meu mando, já que o que eu iria fazer não comportava testemunhas, tomei os instrumentos e dei umas fortes pancadas na cabeça da moça, na esquerda e na direita. Quando constatei que ela caíra sem sentidos, ainda fisguei com uma agulha na perna para me certificar que não sentia as dores e imediatamente serrei e cortei-lhe o braço. A moça somente recuperou os sentidos quando tudo estava terminado. Levamos a acidentada para o Hospital em Joinville, onde ficou em observação e tratamento pós-operação. Hoje ela já é casada, e mesmo com um só braço ainda surra o seu marido que é um inveterado cachaceiro. Pois é, senhor Hering, a gente tem que saber vencer certas situações” — Eu só me admirei da coragem do velho doutor de me contar tal proeza.

Agora um outro fato que ocorreu com o velho. Foi novamente no novo prédio. Eu queria ir com a escada de mão para um outro quarto e bati inadvertidamente contra uma coluna que perdeu um canto. O doutor viu quando isso aconteceu. Pôs-se diante de mim, e com o dedo indicador à testa me admoestou: “Mas senhor Hering, como é possível que um homem sensato que o sr. parece ser, pode fazer uma coisa dessa?” — “Bem isso pode acontecer a qualquer um e eu vou reparar aquilo logo.” “Mas não deve acontecer” disse ele e se retirou.

Alguns dias depois, cheguei um pouco mais cedo para o serviço e ouvi um resmungar irritado. Cautelosamente me aproximei e vi o doutor mexer em várias latas e potes tendo na parede uma mancha feia. Pesquei logo o que acontecera. O velho queria conseguir a mistura da cor da tinta em segredo e não queria que eu soubesse que nessa experiência manchara a parede, porque dias antes me havia censurado. Mas uma tinta d'água não é tão fácil para acertar na mistura, pois a cor muda quando ela fica seca. O doutor jamais teria acertado o tom. Agora era a minha vez de xingar. Surgi à sua frente e com o dedo indicador levado à testa lhe disse: “Mas, meu querido doutor, como é que um homem sensato, que o senhor parece ser, um homem sensato...” mais não cheguei a lhe dizer, pois ele logo disse: “Cale a boca e ajude-me a reparar esta mancha, eu escorreguei com a escada; tinha alguns tacos que queria fixar na parede para as cortinas e escorreguei”. Aliás, não foi possível reparar a mancha, e tive que pintar toda a parede novamente.

A opinião dos que nos visitam

— Um povo que não cultua suas tradições jamais terá amor à terra em que viveu. Parabéns povo, probo, dinâmico e popular de Blumenau! M. M. Prado — Agudos — SP.

— o —

— Gostei muito do Museu. É bom saber que alguém ainda preserva o nosso passado. — H. S. — SP.

— o —

— Gostei muito do Museu e especialmente das armas usadas pelos nossos antepassados, sabendo que com elas lutaram por Blumenau. Gostei de tudo. — Edson Maul — Blumenau.

— o —

— Agradeço ao Diretor desta Casa as mudas de Bambú cedidas gentilmente. Dario Klaut — P. A.

— o —

— É tão belo e pura a sua natureza, na Fundação “Casa Dr. Blumenau”, que para nós, jovens, é um verdadeiro tesouro. Deveria ser incluído nos guias turísticos e nos passeios turísticos. — Raimara Baumgarten.

— o —

— Formidável! Minha homenagem ao fundador desta cidade, o Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau. — Jaime Andrade, médico — São Paulo.

— o —

— Este Museu da Família Colonial nos deixa maravilhados com todas as relíquias e belezas naturais que possui. Meus parabéns e obrigado pela oportunidade que tivemos de visitar este encantável recanto. — Jaqueline Bins — Passo Fundo — RGS.

— o —

— Um Museu é sempre uma fonte de conhecimentos. E através dele temos a oportunidade de conhecer um pouquinho da cidade de Blumenau. Muito bom. S. H. — São Paulo.

— o —

— O que distingue este museu de todos os outros que tenho visto:

— o —

— um respeito ao visitante que recebe, na entrada, um catálogo com todos os objetos no museu, permitindo ao leigo acompanhar a história de Blumenau e quando pede opinião à cada visitante;

— o —

— um culto à Natureza, com um verdadeiro parque, árvores e animais e mostra que os que querem preservar a nossa história se preocupam também com a nossa natureza.

A lição maior da visita é a contribuição do imigrante à história do Brasil e que nossas autoridades parecem desconhecer como mostra a recente Lei dos Estrangeiros. — Victor Bendo — São Paulo.

— Achei maravilhoso e até me emocionei! Mirian Martins, Blumenau.

— o —

— O Museu me pareceu muito bem organizado, apesar de alguns objetos não terem muita relação com os demais e com a proposta do Museu "Casa da Família Colonial". Mas há peças interessantíssimas e valiosas, que só mesmo o cuidado que vêm tendo é capaz de manter tão conservadas. Parabéns! Sidney Eduardo Affonso. — Rio de Janeiro.

— o —

— Viver o presente é lindo. Mas recordar o passado é mais lindo ainda. — Magy.

— o —

— Este museu é muito bom, tem coisas interessantes. Gostei muito pela conservação das peças antigas, tudo muito bem conservado. — Donato Dickmann — Blumenau.

— o —

— Haviam me dito que nos tempos antigos existiam coisas lindas e interessantes. Pensei que nunca poderia conhecê-las. Mas entrando neste Museu eu vi coisas que jamais nós, jovens, poderíamos conhecê-las. — Zelmira Campestrini — Blumenau.

— o —

— Um das coisas gratificantes que me foi proporcionado apreciar em Blumenau, sem dúvida nenhuma, foi este Museu. — Laura Stella Picon. — SP.

— o —

— É uma grande satisfação testemunhar que esta terra sabe guardar suas memórias. — João Batista Epaminondas Meldrado. — Blumenau.

— o —

— Uma boa oportunidade de se conhecer um pouco da história e dos costumes dos colonizadores sulistas, é este Museu da Família Colonial. — Jorge A. L. Jorge. — Blumenau.

— o —

— Só pelo fato de distinguir o visitante fazendo com que ele registre aqui suas impressões, já coloca este Museu em situação de privilégio face a tantos outros que tenho visitado. — Devana Geny Araujo da Silva — Rio de Janeiro.

— o —

— É uma pena que pouca coisa se consegue para estruturar um Museu. Mas o pouco que se tem, nos auxilia enxergar o passado e entender o presente. — Eulália Dalva Vendrame — São Paulo.

— o —

— Encantada estou com a conservação e o respeito que o povo de Blumenau tem por sua cidade. — Eliana Monteiro de Barros. — Brasília.

— o —

— É admirável o zelo do povo de Blumenau pela sua tradição.

Seu exemplo engradece o Brasil. — Léa Maciel de Barros. — Rio de Janeiro.

— o —

— Um Museu como este deveria existir em todas as cidade, conservando as tradições. — José Guilherme Morchini — Jacarei — São Paulo.

— o —

— Desejo ao povo de Blumenau que continue conservando este Museu maravilhoso, do qual levarei uma boa recordação. — Maria Isolina Almeida — Mato Grosso do Sul.

— o —

— É bom ver a relíquia de uma cidade bem conservada. — Neucinara S. Almeida — Campo Grande — Mato Grosso do Sul.

— o —

— Parabéns ao povo de Blumenau pelo carinho com que conserva suas relíquias. — Teresinha Athayde — Rio de Janeiro.

— o —

— Que os brasileiros de Blumenau continuem a obra dos alemães, maravilhosa em todos os sentidos. Parabéns pelo seu Museu, bastante original. — Silvio Schmidt, esposa e companheiros de excursão.

— o —

— Estive em Blumenau e visitei o Museu e adorei esta visita, uma lembrança que jamais hei de esquecer. — Antonio Gomes N. Filho. — João Pessoa — Paraíba.

— o —

— A mescla de dois povos (alemão e brasileiro), ou quaisquer outros povos, nos dá a certeza de que é possível construir melhores de desenvolvimento e paz. — Conclusões que tirei após a visita ao Museu da Família Colonial. — Sandra Ramona Guedes dos Santos — Belo Horizonte — MG.

— o —

— Um povo que conserva as suas memórias é um povo que tem história e a de Blumenau revela o pioneirismo dos alemães que tanto fizeram por esta cidade e pelo Brasil. — Odete Valente — Salvador — Bahia.

— o —

— Deixando um abraço baiano levo para a minha terra as lembranças deste Museu e da encantadora cidade de Blumenau, onde passei horas felizes e cheias de encantamento. — Célia Valente — Salvador.

— o —

— Meu coração palpita de emoção com esta exposição neste Museu, que nos toca o fundo da alma. — Perola Melo Travason — São Paulo.

— o —

— Acho este museu um dos melhores acervos culturais que uma cidade pode ter. Ele representa a continuação de uma cultura

que começou com o fundador desta cidade. Fiquei encantada em saber que Blumenau sabe conservar suas tradições. — Fátima F. — Rio de Janeiro.

— o —

— Trata-se mais uma vez de um acervo que trata de uma minoria dominante, onde estão os dados históricos sobre uma grande maioria que sofreu perseguições, injustiças e desigualdades, simbolizada pelos dois meninos maltrapilhos e descalços, servindo aos senhores do clube de boliche da foto nr. 614? — nome ilegível, apenas as iniciais O. R. — São Paulo.

— o —

— O visitante que externou sua opinião na página verso de 137 (acima) não entendeu a mensagem que existe neste Museu ou então quis se utilizar do momento para exprimir sentimentos de revolta ou recalque de um espírito profundamente infeliz. A história de uma cidade deve, a nosso ver, ser sempre mostrada às gerações mais novas, como exemplo de esforço pioneiro daqueles que, arriscando tudo, chegaram aqui, vindo de terras estranhas, para criar a civilização que hoje se reflete. — Newton M. Lemos Petrópolis — Estado do Rio.

— o —

— Todo o acervo histórico deve ser preservado, mesmo não agradando a todos, isto é história. — Lenyr P. Gomes da Silva — SP.

— o —

— Parabéns por esta iniciativa que tanto contribui para o conhecimento daqueles que, visitando Blumenau, levam consigo as tradições desta terra. — Helena Copauli — São Paulo.

— o —

— Achamos maravilhoso o Museu com suas antiguidades e histórias do passado. Estão de parabéns. Conserve-o. Sr. e Sra. José Miguel Martins Lopes — São Paulo.

— o —

— Ótima conservação; grande abertura para quem não conhece a cultura alemã em suas raízes. — Sheila, Janira e Cecília — São Paulo.

— o —

— Sou blumenauense e por não conhecer este local, nunca me importei com ele. Agora que o conheço me impressionei demais pela sua beleza e sua originalidade. Peço que esta magnífica obra de arte seja mais divulgada para que outros possam ver o que eu vi hoje. Edson L. Koch. — Blumenau.

— o —

A Família Gomes agradece pelos minutos agradáveis que aqui passou. Como é bom lembrar o passado, dos que amam o progresso de nossa terra.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

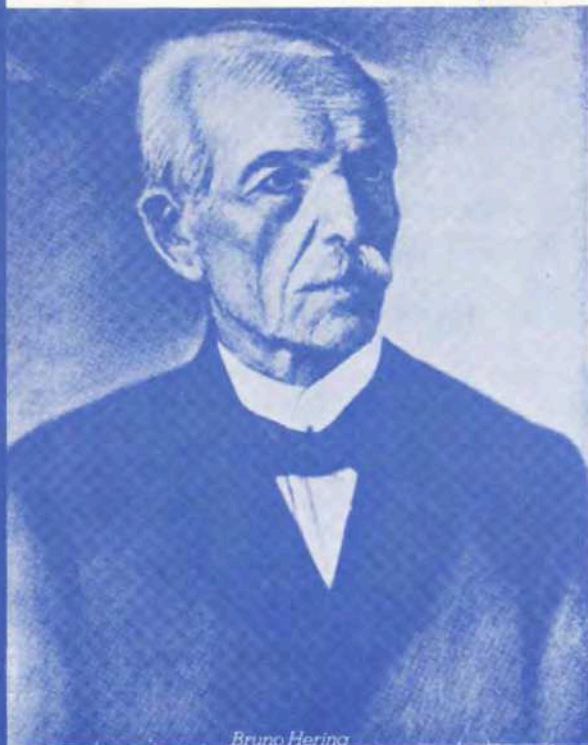
Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf - advogado*; vice-presidente — *Rolf Ehlke - Industrial*.

Membros: *Elimar Baumgarten, advogado; Honorato Tomelim, jornalista; Ingo Fischer, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; Altair Carlos Pimpão, jornalista; professor Antônio Boing Neto; Arno Letzow, comerciante; Beno Frederico Weiers, advogado; Heinz Hartmann, repres. comercial; Prof. Olívio Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

Apresentamos os dois peixinhos da Hering.



Bruno Hering



Hermann Hering

Eles estão fazendo 100 anos.



No ano de 1880, em Blumenau, os irmãos Bruno e Hermann fizeram uma malha de algodão confortável, macia e muito resistente. Desenharam nela um símbolo com dois peixinhos: dois arenques - hering, em alemão.

Em pouco tempo, o pessoal da região estava pedindo as malhas dos irmãos Hering. Eles haviam descoberto que aquelas malhas eram ideais para o clima do país e agüentavam firme o trabalho duro no campo.

100 anos depois, a etiqueta dos dois peixinhos está por aí vestindo todo mundo. Virou moda e foi adotada pela juventude.

É verdade que para conquistar este lugar foi preciso atravessar um século difícil. Muitas vezes os peixinhos tiveram que nadar contra a corrente, enfrentando crises que pareciam insuperáveis, mas que, num balanço final, só conseguiram provocar uma coisa: soluções.

Outra verdade é que os primeiros 100 anos são os mais difíceis.

E hoje é o primeiro dia do centenário da Hering. Nós achamos que esta data merece ser comemorada.

Senhoras e senhores, com vocês, uma idéia que está dando certo há 100 anos: malhas Hering. Sutra 1880.

CIA Hering 
BLUMENAU - SANTA CATARINA



1980 - Ano do Centenário da Hering.